

Unidade IV – Línguas Bíblicas – resumo contextual por Carlos Xandelly

abril 2019

GREGO BÍBLICO: NT

- Existem seis fontes gregas disponíveis: o grego bíblico, o koinê literário, o papiro, as inscrições, as ostracas e o grego moderno
- tipos de koinê: o literário e o vernacular

Efeitos da língua hebraica e latina no texto do grego do Novo Testamento: o hebraísmo e o latinismo. Estes efeitos são em virtude dos próprios escritores (na sua maioria judeus), ou dos contatos com o texto da Bíblia Hebraica.

A LÍNGUA GREGA

Os livros **Deuterocanônicos**¹ estão escritos em grego, embora o original de alguns deles, como por exemplo, o de Ben Sira, poderia ter sido escrito em hebraico ou em grego. Sabe-se que o Novo Testamento foi escrito em grego, embora a logia ou os ditos de Jesus e outras partes do Novo Testamento foram transmitidos em aramaico ou hebraico.

Os escritores da antiguidade tardia não deixaram de manifestar sua aversão a linguagem utilizada na Septuaginta e no Novo Testamento, que não podia parecer-lhes menos afastado dos cânones do grego clássico. Os apologistas cristãos, que também foram formados no aticismo e na retórica dos clássicos, tratavam de justificar o estilo dos escritos bíblicos, descuidados e toscos, mais, ao mesmo tempo, simples e popular. Os humanistas do Renascimento também perceberam a distância que separa o grego bíblico dos clássicos. Porém, o estudo dos papiros encontrados no Egito, permitiu-nos determinar que a língua da Septuaginta e do Novo Testamento são reflexos do grego *koiné* ou comum, falada na época helenística de Alexandre Magno até o final da Idade Antiga, nos tempos de Justiniano (século VI). Os papiros oferecem paralelos, por exemplo, a uma forma tão característica da Septuaginta (TREBOLLE BARRERA, 1998, p. 77). Mounce (2009, p. 1), falando sobre isso afirma que:

Atenas foi conquistada no século IV a.C. pelo rei Felipe da Macedônia. Alexandre, o Grande, filho de Felipe, que teve por tutor o filósofo grego Aristóteles, empreendeu a conquista do mundo e a propagação da cultura e língua gregas. Visto que Alexandre falava o grego ático, foi este o dialeto que se propagou. Era também o dialeto falado pelos escritores atenienses famosos. Foi o início da era helenística.

A consideração do grego bíblico como língua *koiné* do período helenístico não impediu de reconhecer, todavia, as peculiaridades características da língua da Bíblia grega e em particular no Novo Testamento, que não pode ser identificada sem mais matizes com o grego "secular" dos papiros. A influência semítica adverte-se não só na presença dos hebraísmos e aramaísmos, mas também na lexicografia, na semântica e na estilística. Mas além das críticas feitas contra a tendência da teologia bíblica em conferir um significado teológico a determinadas palavras com independência do contexto no qual apareceu, a

¹ O termo deuterocanônico ou deuterocanónico refere-se a um conjunto de sete livros que estão presentes na Septuaginta, antiga tradução em grego do Antigo Testamento.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

semântica bíblica não pode ao menos reconhecer características do pensamento semítico, conforme a linguagem e a lexicografia da versão Septuaginta e do Novo Testamento. Termos como *doxa*, *diatheke*, *psikhe*, *soma*, *dianoia*, *kosmos* etc., acrescentam sentidos novos e diferentes.

Para definir o grego neotestamentário talvez tenha que recorrer-se a uma explicação ecletica, que tenha em conta fatores muito diversos: os evangelhos sinóticos, e os *logia* (as palavras) de Jesus em particular, refletem um grego de tradução, mais literário que literal. A influência da Septuaginta, evidente ao longo de todo o Novo Testamento, manifesta-se sobre tudo no evangelho de Lucas, assim como na utilização nas cartas paulinas de conceitos hebraicos como os de justificação ou propiciação; o Apocalipse reflete sobre tudo a fala judaica-grega das sinagogas.

PERÍODOS DA LÍNGUA GREGA

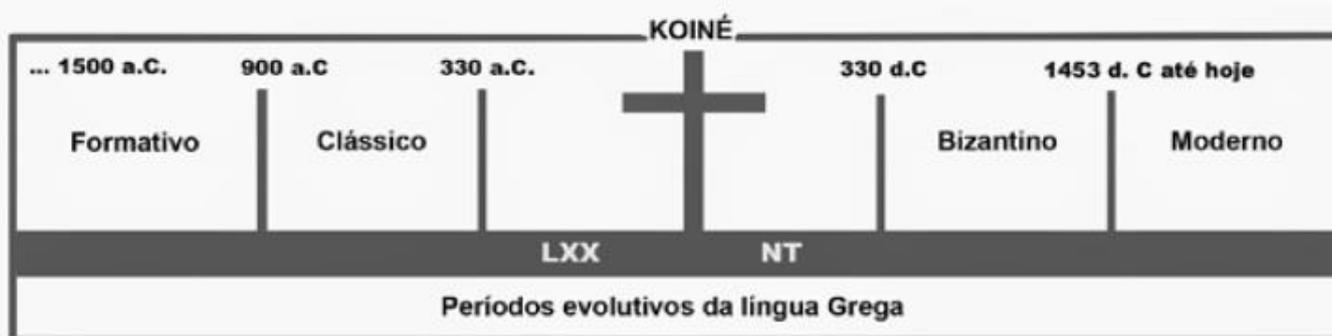


Figura 1 - Períodos evolutivos da língua grega

Fonte: Miyazato (2015, on-line).¹

A história da língua grega estendeu-se ao ano 1500 a.C., anterior a Homero. Todavia, a história da língua é envolvida em grande escuridão. Danna e Mantey (1959), nos mostram o desenvolvimento da língua que pode ser dividido em cinco períodos:

- 1- **O período Formativo.** Este período estendeu-se da origem pré-histórica da origem da raça até Homero. (c. de 900 a.C.). As primitivas tribos da qual a nação grega surgiu foram membros da grande família ariana que tinham seu lar originalmente em algum lugar do centro-oeste da Ásia. Nos tempos pré-históricos um grupo de tribos originário desse grupo original migraram para a pequena península do sul da Europa hoje conhecida como Grécia. Os caracteres topográficos desse país são excessivamente irregulares. Numerosas serras e a penetração interior dos braços do mar cortam o país para cima em muitas divisões. Como resultado dessa irregular topografia, as tribos originais foram praticamente impedidas de ter relações umas com as outras, e, portanto, formaram-se no desenvolvimento lento de unidade da vida e da linguagem. Ali cresceu um grande número de diferentes dialetos, dos quais os principais foram o

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

atico, boetico, nordeste, tessalonico, e o arcade. Desses dialetos provavelmente desenvolveram-se tres originais: o dorico, aeolico, e o jonico. O mais vigoroso atrativo destes foi o jonico, o qual, portanto, exerceu a maior influencia sobre os desenvolvimentos linguisticos subseqüentes entre os gregos Danna e Mantey (1959, p. 5-6).

- 2- **O período Clássico.** Esse periodo abarca os seculos de Homero ate a conquista de Alexandre o Grande (c. 330 a.C.). Nesse periodo o dialeto atico, baseado primariamente no antigo jonico, com os melhores elementos do dorico e do aeolico, garantiu a supremacia. A antiga literatura grega, que chegou ate nos, e predominantemente atica. Qualquer gramatica geral de grego trata principalmente com a lingua atica, observando os elementos de outros dialetos como irregularidades e excecoes. O atico foi a forca de modelamento em todo o subseqüente desenvolvimento da lingua grega. Ele constitui a base principal do grego do Novo Testamento (DANNA; MANTEY, 1959, p. 6). Em relacao ainda ao período classico, Rega e Bergmann (2004, p. 8), enfatizam que:

Este periodo, que foi de c. 900 a.C. a 330 a.C., tornou-se conhecido gracias a famosas obras literarias que ai tiveram origem e foram preservadas ate hoje: a *Iliada* e a *Odisseia*, atribuidas a Homero, sao os exemplos mais antigos da literatura grega, seguidas mais tarde por obras de Hesiodo, Herodoto e Platao, entre outros. Nesse periodo, o dialeto que mais se destacou foi o atico. Esse dialeto tambem chegou a ser a base principal para o grego *koiné*, o grego em que seria escrito o NT.

- 3- **O Período Koinê:** Esse periodo estende-se de 330 a.C. ate o ano 330 d.C. Esse e o periodo do comum ou grego universal. Durante este periodo a lingua grega foi livremente usada e compreendida atraves do mundo civilizado, sendo falado tao livremente nas ruas de Roma, Alexandria e Jerusalem como em Atenas (DANNA; MANTEY, 1959, p. 6). Assim Rega e Bergmann (2004, p.8), afirmam que:

Vamos lembrar que, por volta de 250 a.C. o Antigo Testamento em hebraico foi traduzido para o grego, nascendo assim a famosa *Septuaginta (LXX)*, e o grego utilizado foi justamente o *koiné*. Mais tarde, quando no primeiro seculo surgiram os escritos do NT, tambem foi este o grego utilizado na sua redacao.

Havia **quatro causas principais sobre o desenvolvimento do grego koinê:**

- 1- **Extensiva colonização.** Os gregos eram um povo muito agressivo, e inicialmente aprenderam a navegacao com os fenicios, e com isso posteriormente vieram a estender as atividades maritimas. Como resultado as colônias gregas foram plantadas nas proximidades de toda a costa do Mediterraneo. Uma das mais fortes dessas colonias estava na costa oriental da Italia, não tao longe do centro do mundo latino (DANNA; MANTEY, 1959, p. 7).
- 2- **Filiação do comércio e da política fechada às tribos gregas separadas.** A ampliacao da vida do povo pela extensiva colonizacao, e mais especialmente pelo perfil comum dos conquistadores orientais, trouxe as varias tribos da Grecia em contato mais proximo, e desenvolveram um sentido de homogeneidade racial. Indubitavelmente nenhuma causa contribuiu mais para este resultado que a longa luta com os persas. A

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

campanha de Ciro, recontada para nos por Xenofonte em sua *Anabasis e Katabasis*, reuniu aos gregos de todas as tribos e dialetos em um grande exercito, e, portanto, fez muito para desenvolver uma lingua comum. Ha quatro sinais da lingua *koine* que podem ser encontrados mesmo em tao astutamente atico, um documento como *Anabasis* de Xenofonte (DANNA; MANTEY, 1959, p. 7).

- 3- **Inter-relações religiosas.** Embora cada tribo grega tinha seu proprio deus ou deuses tribais, havia um senso de unidade religiosa. Isso e verificável a partir da reverencia de todas as tribos de certa divindade proeminente do panteao, especialmente a Zeus. Essas principais divindades que poderíamos falar como deuses raciais, serviram para promover a unidade da raca. Isso foi particularmente verdade apos o estabelecimento de grandes festivais nacionais a cada centro religioso como Olimpia, Delos, e Delphi. Inscricoes sobre as estatuas e memoriais de varios tipos erigidos nesses centros, estavam em todos os dialetos principais, e levou ao conhecimento de uma tribo com a lingua da outra. A medida que as pessoas de todas as diferentes localidades da amplamente distribuidas Hellas misturaram-se nessas celebracoes periodicas, surgiu uma tendencia natural para uma lingua comum. Este fator foi certamente muito forte na criação do Koine (DANNA; MANTEY, 1959, p. 7-8).
- 4- **As conquistas de Alexandre, o Grande.** O climax desse processo de fusão no crescimento da lingua grega foi alcançado nas conquistas de Alexandre, o Grande (334 a 320 a.C.). A mistura de representantes de todas as tribos gregas no exercito de Alexandre, amadureceu o desenvolvimento de um grego comum, e a ampla introducao da cultura grega sob a direcao distribuída a lingua comum atraves do imperio macedonio. Quando Roma conquistou esse territorio helenizado, ela, por sua vez, foi helenizada, e assim o mundo civilizado adotou o grego koine. Portanto, Paulo pode escrever sua obra-prima doutrinal para o centro do mundo latino na lingua grega, e Augusto, imperador de Roma, teve necessidade de escrever seu selo oficial em grego (DANNA; MANTEY, 1959, p. 8).

- 4- **O período Bizantino.** Esse periodo estendeu-se de 330 a 1453 d.C. Inicia-se com a divisao do imperio romano, e seu progresso e largamente afetado pela fortuna incerta do trono de Constantinopla (DANNA; MANTEY, 1959, p. 8). Rega e Bergman (2004, p. 8), afirmam o seguinte sobre esse periodo:

Apos a divisao do Imperio Romano, a preservacao da cultura grega, e, com ela, da lingua, contecia principalmente em Bizancio e na Asia Menor, muito mais do que na propria Grecia. A lingua de uso comum naquele periodo e conhecida pelo nome grego de *bizantino*, uma continuacão do *koine*. A ampla maioria dos manuscritos do NT grego foram copiados nessa "era bizantina", que se estendeu ate a queda de Bizancio(Constantinopla) em 1453 d.C.

- 5- **O período moderno.** Esse periodo estendeu-se de 1453 ate o presente. Temos nesse periodo o desenvolvimento da lingua falada atualmente nas ruas de Atenas, "e representa o estagio atual no desenvolvimento natural da lingua desde os antigos gregos ate os nossos dias" (REGA; BERGMANN, 2004, p. 8). O fato notável e que ele carrega um estreito parentesco com a lingua do Novo Testamento, mas do que faz os escritos de Euripides e Platao (DANNA; MANTEY, 1959, p. 8).

O GREGO BÍBLICO

O estudo do grego ajuda na interpretação dos textos do Novo Testamento e da Septuaginta. Estudá-lo só ajudara na compreensão do que se lê, partindo-se da língua original na qual esses textos foram escritos.

Houve um tempo em que os eruditos que trataram com o texto original do Novo Testamento consideravam o grego como uma língua do Espírito Santo, preparada sob a divina direção para os escritores da Escritura. Quando a falácia dessa concepção cresceu em evidência, duas escolas de

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

oposição desenvolveram-se. Os hebraístas sustentaram que a Septuaginta e o Novo Testamento foram escritas no grego bíblico, dominado largamente pelos modos de expressão do hebraico e do aramaico; os puristas sustentaram que ela representou variações do ático clássico.

Mas nos inícios do verão de 1825 houve uma revolução na visão dos eruditos do Novo Testamento sobre esse tema. Como resultado do labor de Deissmann na Alemanha, Moulton na Inglaterra e Robertson na América, todas as questões foram removidas a partir da conclusão de que o Novo Testamento grego é simplesmente uma amostra do grego coloquial do primeiro século; isto é, o *koinê*. Os escritores inspirados no Novo Testamento escreveram em uma linguagem comum das massas, como pode ter sido esperado.

Testemunhas Literárias do Koinê

Uma vez que o grego do Novo Testamento é a língua corrente do período no qual ele foi escrito, é de interesse do estudante do Novo Testamento aprender que outros monumentos literários dessa língua também ficaram para nós, monumentos que podem lançar uma maior luz ao estudo do Novo Testamento Grego. Existem seis dessas fontes de luz no koinê (DANNA; MANTEY, 1959, p. 9-10).

Assim, Danna e Mantey (1959, p. 10-13) fazem essa classificação:

O Grego Bíblico. Não porque seja uma língua separada ou um dialeto, mas porque exibe certas características e possui um interesse que é próprio. Ainda podemos falar da língua do Novo Testamento e da Septuaginta como “grego bíblico”. Quando alguém lê o trabalho que marcou época de Deissmann, nota-se que o termo é apenas um pouco tímido, mas ainda é a verdade que há um lugar na ciência filológica para o termo “grego bíblico”. Isso deveria ser verdade para só o fato da literatura distintiva de transcendente interesse do qual a compõe. Também é verdade que o Novo Testamento e a Septuaginta apresentam um distintivo tipo de *koinê*. Eles são superiores na qualidade literária à média apresentada pelo papiro, e ainda assim não apresentam o objetivo clássico dos escritores aticistas. Assim, enquanto prestamos atenção e aplicamos o adequadamente a advertência de Deissmann (apud DANNA; MANTEY, 1959, p. 10), ao mesmo tempo, necessitamos preservar a distinção utilizável.

O Koinê literário. Existiu um esforço literário formal estender durante o período koinê que muito mais prontamente aproximou-se a natureza clássica do ático que faz o nosso Novo Testamento. Para essa classe tomam-se os escritos de Plutarco, Políbio, Josefo, Estrabão, Filo, entre outros.

Papiro. Esses antigos materiais escritos foram feitos com cana de papiro, uma planta aquática egípcia. Seu uso vem de tempos atrás, na antiguidade e estende-se até o período bizantino. O papiro foi descoberto no Egito onde as condições climáticas favoreciam a sua preservação. Atualmente, o papiro está especialmente disponível para o estudante do grego do Novo Testamento, tanto por causa do largo rango de sua ampla gama de sua qualidade literária e de sua exibição do koinê típico. Representam todos os tipos gerais de literatura, da casual correspondência de amigos às técnicas de um contrato legal. Existe, todavia, a possibilidade de uma pequena literatura formal - como um poema ou um tratado - ser encontrado entre eles. Consistem nas principais cartas privadas, contratos, testamentos, registros do tribunal, documentos governamentais etc. Representam uma linguagem do povo comum e foi nesse tipo de linguagem que o Novo Testamento foi escrito.

Inscrições. Essas estão mais largamente distribuídas que o papiro, sendo encontrados em abundância em muitos lugares de importantes centros da civilização mediterrânea. São usualmente epígrafes ou avisos, esculpidos sobre lajes de pedra para assuntos oficiais, cívicos, e propósitos memoriais. São de um caráter de maior valor formalmente literário do que o papiro. Seu valor tem sido não somente literário, mas histórico. O grande trabalho de Sir William Ramsey na crítica textual do Novo Testamento tem assegurado uma rica contribuição de evidências das inscrições.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

Ôstraca. As ostracas são cacos - fragmentos de jarros quebrados ou outros vasos quebrados - usados por uma classe mais pobre para memorandos, recibos e assemelhados.

O grego moderno. A importante relação do grego moderno ao koinê é uma descoberta do século XIX, que remonta apenas ao ano 1834. A conexão é a constatação que, simplesmente, o grego moderno é uma consequência do koinê ao invés do ático, o que, e claro, já era esperado. O vernacular é sempre o fator principal de mudança no crescimento de uma língua. Consequentemente, a base real do grego hoje falado em Atenas e a que representou o Novo Testamento, e não a língua clássica de Esquilo, ou mesmo as tentativas aticistas de Políbio. Mouton (apud DANNA; MANTEY, 1959, p. 13), cita a Hatzidakis, o moderno gramático grego, dizendo que: “the language generally spoken today in the towns differs less from the common language of Polybius than this last differs from language of Homer” .1

Tipos de Koinê

Como acontece em qualquer língua que desenvolve uma literatura, o grego koinê apresenta características diferentes entre a língua falada e a língua escrita. Esse fato apresenta dois tipos de koinê, o literário e o vernacular:

a. O koinê literário. É representado pela literatura extra-bíblica, pela maioria das inscrições, e por uns poucos papiros.

b. O koinê vernacular. É representado pela maioria dos papiros e ostracas, e por quase todo o grego bíblico. Os escritos de Lucas e do autor do livro de Hebreus aproximam-se desse tipo de literatura.

Outros Elementos da Literatura Grega

Danna e Mantey (1959, p. 14), retrataram como a vida fora daquela do Novo Testamento foi afetada por uma variedade de situações históricas. Uma das que mais influenciou profundamente a língua foi a cultura helenística. Mas esse não é o único fator que refletiu na língua.

Os escritores do Novo Testamento foram judeus (com uma provável exceção de Lucas), o que nos levaria naturalmente a esperar traços de sua língua nativa. O regime político sob o qual o Novo Testamento foi escrito era controlado por Roma, o centro da língua latina. Portanto, é bastante natural que encontremos efeitos da influência do hebraico e do latim no grego do Novo Testamento. Esses efeitos são chamados de “hebraísmo” e “latinismo”, segundo Danna e Mantey (1959, p. 14-15):

a. Hebraísmos. Existe no Novo Testamento, de forma inquestionável, alguns traços do idioma hebraico. Resultam principalmente da influência do hebraico do Antigo Testamento e da Septuaginta. Desde que o aramaico foi uma vernacular nativa da Palestina, é possível que o Novo Testamento foi afetado em certa medida por ele. É considerado por muitos que Lucas tinha fontes literárias de seu evangelho que estavam em aramaico. Tendo em vista esses vários meios da influência do hebraico sobre o Novo Testamento, a quantidade de hebraísmos nele tem sido subestimada. Realmente existem, mas são poucos. Exemplos podem ser encontrados em: Mateus 19:5; Lucas 1:34, 42; 20:12.

Hebraísmos são determinadas expressões idiomáticas encontradas nas Escrituras que registram a forma de comunicação específica dos judeus.

b. Latinismo. Esses são de influência romana, sendo principalmente nomes de pessoas, escritórios, instituições etc. O número é pequeno em comparação ao hebraico.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.